

Do casebre no Nordeste para a História do Brasil

Trajetória começou no sindicato, passou pelo PT e chegou ao símbolo da possibilidade de acesso da esquerda ao poder

Marcio Moreira Alves

• Lula tem uma história de sofrimento, coragem, luta, fraternidade, persistência, superação e sucesso. Migrante do interior de Pernambuco para São Paulo, sétimo dos oito filhos de uma família chefiada pela mãe, Eurídice, que fora abandonada pelo marido, Aristides, que teve mais oito filhos da segunda mulher, Lula entrou pela primeira vez numa escola aos 10 anos, foi vendedor ambulante, entregador de lavanderia, aprendiz no Senai. Conseguiu o primeiro emprego com carteira assinada aos 15 anos, foi torneiro mecânico na Vilares, uma indústria nacional de máquinas pesadas, e deu os primeiros passos no sindicalismo em 1972.

Três anos mais tarde, era eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, com 92% dos votos. Começava o Governo Geisel, que se propunha a restabelecer a democracia por um processo de idas e vindas, aberturas e fechamentos, que o general presidente chamava de “sístoles e diástoles” — usando a terminologia médica. Em 78, reeleito presidente do sindicato com 93% dos votos, Lula liderou a primeira greve da indústria automobilística. E ganhou notoriedade nacional.

Em plena ditadura, os operários se organizaram em cada seção de cada fábrica e foram às assembleias em massa. O processo era inédito, por sua extensão, no Brasil e na América Latina. As greves não só transformaram Lula num personagem de primeira linha da vida nacional, objeto de estudos de brazilianistas e capa de revistas de grande circulação, como atraíram para o novo sindicalismo o apoio dos principais líderes da oposição legal à ditadura. Nos momentos de crise, a presença física de homens como Franco Montoro, Teotônio Vilela, Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso dava uma relativa proteção aos operários.

Influência do PC e da Igreja, mas sem adesão

A maior contribuição institucional à organização dos sindicatos foi a da Igreja Católica, que, por intermédio dos bispos da região, acolheu os grevistas, sob a bênção de dom Paulo Evaristo Arns. O presidente da Comissão de Justiça e Paz, advogado José Gregori, manteve lá uma presença constante, bem como Frei Betto, que veio a se tornar um dos principais conselheiros de Lula.

Para Frei Betto, os intelectuais encontraram em Lula o caminho para materializar as idéias geradas na academia.

— A academia faz a análise da realidade. Como tem pouca incisão prática, na maioria das vezes o tiro sai pela culatra, como agora — afirma Frei Betto, referindo-se a Fernando Henrique Cardoso.

Há duas matrizes para o pensamento da esquerda brasileira nos últimos 40 anos: o Partido Comunista, marxista ortodoxo, com suas divisões a partir do congresso do PC da União Soviética, em 58, e a juventude católica, a partir do congresso dos dez anos da JUC, que terminou dando origem à Ação Popular (AP), organização hoje muito falada por dela terem participado alguns ministros de Fernando Henrique, e sempre pouco conhecida.

Lula sofreu a influência de ambas as correntes, embora a nenhuma tenha aderido. Seu irmão, apelidado de Frei Chico em razão de sua abacial careca, era militante de base do PC e o incentivou a participar da vida sindical.

Na ocasião em que fez suas principais opções, Lula se ocupava mais com o sindicato, a segunda, mulher, Marisa, viúva como ele, e os filhos que tiveram do que com estudar ideologias. A relação com a Igreja dos Pobres, nascida do Concílio Vaticano II, foi sempre de simpatia, nunca de comprometimento. Lula não é uma pessoa de preocupações religiosas. Mas tem uma personalidade emocionalmente marcada pela solidariedade e pela fraternidade, qualidades que encontrou em Frei Betto, que para ele traduziu a Teologia da Libertação.

Outro petista que segue o discreto Frei Betto, o candidato a deputado estadual Chico Alencar, do Rio, fez amizade com Lula pelas duas vias, a do partido e a da Pastoral Operária em São Paulo — ou, como diz Chico, “pela missa e pela massa”. Professor de História, Chico usa Lula para ressaltar que a melhor escola é a da vida, “tão boa que ninguém quer férias”. A melhor qualidade do amigo, segundo Chico, é não ter perdido o senso da fraternidade mesmo sofrendo preconceitos durante a vida toda. O maior defeito, para o amigo Chico, foi adquirido há pouco tempo:

— Ele reduziu o círculo de interlocutores e passou a confiar muito no próprio taco. Nos últimos dois anos, foi deixando de fazer a mediação no PT e tomou uma posição. Isso não é bom — reclama Chico.

Chico teve sua candidatura a prefeito do Rio em 1996 desprezada pelo PT nacional, interessado em apoiar o PDT. No encerramento da campanha, Lula discursou pedindo desculpas aos militantes e prometendo que não repetiria o erro. Dois anos depois, no entanto, defendeu a intervenção no PT fluminense pelo mesmo motivo.

A opção fundamental de Lula, à qual dedicou a vida, da qual tirou alegrias e vitórias e que lhe deu e dá amarguras e derrotas, foi pela criação do Partido dos Trabalhadores. Há 20 anos, desde a sua criação, que o fez apartar-se dos antigos amigos do MDB, inclusive Fernando Henrique, entregou-se ao sonho de construir um partido socialista não sectário, dirigido por operários e intelectuais, nacionalista, aberto às tendências que se multiplicam na esquerda e tendo como objetivo conquistar o poder para implantar o tal “modo petista de governar”.

Simplificando, o modo se apóia em duas idéias: absoluta lisura no trato do dinheiro público e consulta permanente à população para estabelecer as prioridades de investimentos. A concretiza-

ção dessas idéias tem tido maior êxito quanto à honestidade. As administrações do PT em cidades importantes como São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte têm tido êxito variado, mas mantêm uma constante: não roubam. É um considerável progresso na vida política.

Lula foi duas vezes candidato à Presidência, chegando perto da vitória contra Fernando Collor, uma vez candidato ao Governo paulista, recolhendo magra preferência, e uma vez candidato a deputado federal, quando recebeu a maior votação já registrada para a Câmara: 650 mil votos.

De agente da direita a Nelson Mandela

Ao longo desses anos viajou muitas vezes ao exterior, conheceu os principais líderes social-democratas, foi recebido pelo Papa João Paulo XII, falou em Harvard e no fechadíssimo Center for Interamerican Studies, fundado pelos Rockefeller em Nova York. Obteve reconhecimento das elites mundiais que operário algum latino-americano teve e cujo único paralelo talvez seja Lech Walesa, ex-presidente da Polônia.

— A eleição de Lula terá uma repercussão internacional maior do que a de Nelson Mandela. Ele sai do mundo dos trabalhadores como Mandela saiu do mundo dos negros — compara o vice Brizola, que nos velhos tempos definia Lula como agente criado pelo regime militar para dividir os trabalhadores.

Em 93 e 94, Lula percorreu 25 estados, passou por mais de 500 localidades, andou 30 mil quilômetros pelo país nas Caravanas da Cidadania, o que faz dele um dos políticos que mais conhecem o Brasil e mais contato tiveram com o nosso povo. O aprendizado na prática enriqueceu seu discurso e atraiu para sua causa o apoio de alguns destacados intelectuais brasileiros, como Antonio Cândido de Melo e Souza, mestre de Fernando Henrique,

Ariano Suassuna, zelador das tradições nordestinas, e Chico Buarque, principal estrela do manifesto em seu apoio divulgado em São Paulo, em 14 de setembro.

Na definição do professor de Literatura da USP e escritor Antonio Cândido, Lula é dotado daquilo que Camões definiu como o “saber de experiência feito”.

— Atividade política e liderança social são, antes de mais nada, vocações que o preparo universitário pode ajudar, mas não pode substituir. Lula é um político nato, de larga visão social, e tem uma inteligência soberana, que lhe permite compreender a cada momento a realidade e o torna capaz de transformar essa compreensão em atuação — afirma o professor, fundador do PT.

Lula é agora, pela terceira vez, candidato à Presidência, enfrentando, com escassíssimas possibilidades de sucesso, o ex-companheiro que o derrotou em 1994. Em janeiro, num discurso que chamou a atenção pela sinceridade, Lula não escondeu de ninguém que não queria ser candidato a presidente novamente.

— Durante três anos trabalhei na minha cabeça e na minha família a idéia de não ser candidato. Não queria, pelo menos este ano. Mas as circunstâncias me fizeram candidato — disse, em almoço com 500 militantes de PT, PDT e PCdoB, em Porto Alegre.

Por que terá cedido à idéia, que inicialmente rejeitava, e resolveu enfrentar a nova eleição?

A explicação se encontra na permanente tentação da esquerda para dividir-se. Se há uma constante na história política do século é esta: a esquerda é desunida, a direita se une quando ameaçada. Lula, que não dá muita importância às questões ideológicas dos grupelhos de seu partido, é a única liderança por todos aceita. Generoso, tolerante, negociador por vocação e experiência, aceitou ser um traço de união entre todos os componentes do partido que criou do

nada. Sabia que tinha um obstáculo quase intransponível mas assumiu a tarefa sob duas condições: no plano geral, a candidatura teria de reunir apoios de outros partidos, especialmente do PDT de Brizola. Em nome dessa aliança apoiou a intervenção no PT do Rio, que rejeitava o brizolismo. No plano interno, exigiu uma trégua na luta entre as tendências partidárias. Atingiu ambos os objetivos, ainda que alianças e tréguas possam desaparecer logo depois da eleição.

Ele legitimou a democracia, ressalta historiadora

A historiadora Maria Celina D'Araújo, do Centro de Pesquisa e Documentação (Cpdoc) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), ressalta que poucos países têm um líder de trabalhadores com tanta notoriedade e legitimidade como Lula, “que por um triz não se elegeu presidente da República em 1989”. A trajetória do líder sindical que virou líder da sociedade já garante a Lula um espaço nobre na história brasileira. Se aprimorou a democracia ao dar à oposição força e legitimidade para enfrentar a situação nas duas primeiras eleições após a ditadura, o mesmo Lula que encantou a classe média por nunca ter passado verniz em sua imagem de trabalhador acabou fazendo refém de seu carisma a esquerda brasileira. Esse é, segundo a historiadora, o lado negativo da moeda.

— Talvez não seja bom a oposição ficar refém de um líder. Mas é ótimo para a biografia dele diante da História. Lula é extremamente inteligente e hábil, atravessa as fronteiras do PT. Acho que fica para a história como uma das figuras mais importantes do país. Sua existência significa que o processo de democratização do Brasil foi inteiro e foi sério. Não foi para inglês ver — conclui Maria Celina D'Araújo. ■

COLABORARAM Azíz Filho, Daniel Hessel Teich e Flôrenci Costa

